

Tendo estudado escultura e pintura, acaba por se dedicar, a certa altura, a esta última, pintando sobretudo temas urbanos, revelando uma preocupação com as questões de espaço e de profundidade. É nesta altura que tem contacto com a obra de pintores, como Dufresne, Bissière, Lèger, Cézanne, Matisse, entre outros, que lhe fornecem as bases para a sua pintura.

Em 1932 conhece a galerista Jeanne Bucher, que irá marcar para sempre a sua vida profissional, tendo organizado a sua primeira exposição individual no ano seguinte. Participa em 1933 numa exposição no *Salon de Paris*, a sala parisiense mais conceituada da época.

As suas obras são vistas em Portugal, pela primeira vez em 1935, numa exposição organizada pelo artista António Pedro na Galeria UP e no ano seguinte expõe com Arpad Szenes no seu atelier de Lisboa.

No ano de 1939, início da Segunda Guerra Mundial, muda-se com o marido para Lisboa procurando obter a nacionalidade portuguesa, que um ano depois lhe viria a ser negada. Sendo ambos apátridas e Arpad Szenes de origem judaica, vêem-se obrigados a emigrar.

À semelhança de muitos outros artistas e intelectuais europeus, despojados de tudo, em 1940 exila-se com o marido no Rio de Janeiro permanecendo até 1947, fixando-se na *Pensão Internacional*, em Santa Teresa. A sua obra pictórica reflete a angústia, a dor e o desenraizamento que Vieira da Silva sentiu nessa fase. Em 1947, no pós-guerra, o casal de pintores regressa a Paris.

Em 1956 Arpad vê a nacionalidade portuguesa ser-lhe recusada e, por isso, nesse mesmo ano, naturalizam-se franceses.

Será na década de 1960 que receberá inúmeros prémios e honrosas distinções, recebendo de França os graus de Cavaleiro e de Comandante da Ordem das Artes e das Letras; o Grande Prémio Internacional de Pintura da Bienal de São Paulo; foi a primeira mulher a receber o *Grand Prix National des Arts* em Paris, e foi nomeada como Sócia Honorária do Grémio Literário de Lisboa.

Em 1990 nasce a Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva (FASVS), partindo do desejo da própria artista, após a morte do marido (em 1985), de criar um centro de estudos dedicado à obra de ambos, na sua casa de Lisboa.

Maria Helena Vieira da Silva morre a 6 de março de 1992, em Paris, deixando para a história da arte uma obra de incalculável valor artístico.

O Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva abre portas em 1994, dois anos após a morte da artista.



Entrada Gratuita

HORÁRIO

De terça-feira a domingo
10:00 > 13:00 e 14:00 > 18:00

ENCERRA

Segundas-feiras e feriados

O equipamento encerra aos domingos, nos meses de julho e agosto. O horário poderá ser sujeito a alteração.

Parque Adão Barata, Loures

211 151 080 / 211 150 663

@galeriasdeloures

cm-loures.pt

A CULTURA NO CENTRO



[#lugaresdecultura](https://www.instagram.com/lugaresdecultura)



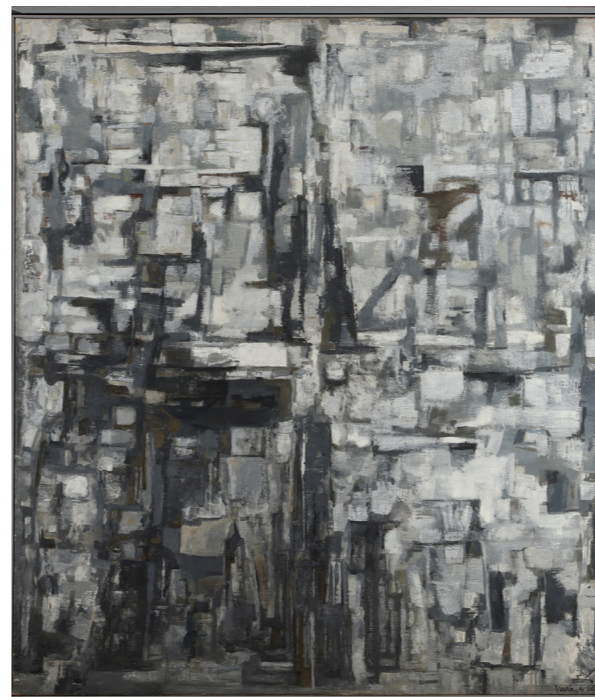
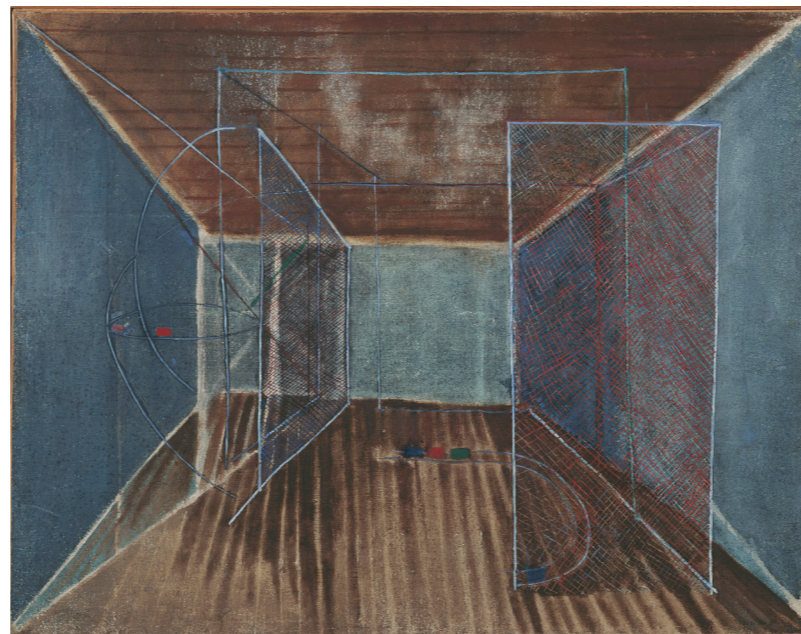
Galeria Municipal Vieira da Silva

Galeria Municipal Vieira da Silva

Inaugurada a 25 de julho de 2008, a Galeria Municipal Vieira da Silva deve o seu nome a uma das grandes pintoras da segunda metade do século XX, Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992).

Distingue-se por uma oferta diferenciadora e pela apresentação da obra de artistas, ou espólio artístico, de entidades de referência no mercado artístico nacional e/ou internacional, através da concretização de exposições de assumido relevo cultural, no campo das artes visuais.

Para além da programação de exposições, a galeria disponibiliza também oferta no âmbito da Mediação Cultural, promovendo atividades pedagógicas para os diferentes públicos, designadamente ateliês criativos, visitas guiadas e laboratórios de experimentação artística.



Maria Helena Vieira da Silva
(Lisboa, 1908 – Paris, 1992)

Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992) nasceu em Lisboa, a 13 de junho de 1908, no seio de uma família da classe alta com uma notória vida cultural.

Filha única, do diplomata Marcos Vieira da Silva e de Maria do Céu da Silva Graça, passa os três primeiros anos da sua vida entre viagens a França e Inglaterra e, em 1910, a doença do seu pai leva-a até à Suíça.

Regressa a Portugal com a sua mãe em 1911, após a morte do seu pai e é em 1913 que decide torna-se pintora, depois de uma estadia de dois meses em Inglaterra.

Tendo evidenciado, desde muito cedo, o seu gosto e interesse pelas artes, começa com apenas 11 anos, ainda em Lisboa, a estudar música, desenho, pintura e escultura.

Frequenta a Academia de Belas Artes de Lisboa, num período cultural pouco interessante, marcado por um contexto politicamente instável, e em 1928, acaba por ir para Paris com a mãe, acabando por se deslumbrar pelo ambiente intelectualmente atrativo que se vivia na capital francesa.

Durante o primeiro ano em França debruça-se sobretudo sobre a escultura, tendo passado pelas academias *Scandinave* e *La Grande Chaumière*, onde conhece o pintor húngaro Arpad Szenes, com quem viria a casar, perdendo a nacionalidade portuguesa. Como não regressam nesse ano à Hungria, tornam-se ambos apátridas. Contudo, nem por esse mesmo motivo corta com as raízes portuguesas, continuando a pintar azulejos e perspectivas de ruas e casas portuguesas. Arpad assume um papel de extrema relevância na sua vida e na sua obra. A obra de ambos vive num diálogo ininterrupto.